

Contraponto cultural e política pública

Cintya Maria Costa Rodrigues¹

Resumen

La emergencia de un líder político gitano en la localidad de Trinidad, Estado de Goiás, centro del Brasil, despertó mi interés de comprender su inserción y participación en las políticas de reconocimiento e inclusión culturales implementadas en los años 2000 por el Gobierno brasileño. En su experiencia narrada en entrevista e sus acciones políticas están inclusas o modo por el cual su inserción en las políticas públicas acciona todo un aparato cultural y las memorias de gitanos e no gitanos. En otras comunicaciones e artículos mostro como las narrativas afirman las condiciones sociales e culturales de los grupos gitanos en el pasado y en el presente al reivindicar la inserción en las políticas públicas y el registro de la participación en la formación de la cultura brasileña (Rodrigues, 2009; 2010; 2011; 2012). En este trabajo, analizo la experiencia de este líder político e mostro en sus narrativas la formación de una memoria de la exclusión, cambiante e sensible frente a las demandas do proprio grupo e de la sociedad brasileña.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, mestre em Antropologia pela mesma instituição e professora adjunta da Universidade Federal de Goiás. Ver em <http://lattes.cnpq.br/7799582095022434>

Contraponto cultural e política pública

Introdução

Em publicações anteriores abordei sobre como as narrativas afirmam as condições sociais e culturais dos grupos ciganos brasileiros no presente e no passado articulando essas duas temporalidades. Ao reivindicar mais participação nas políticas públicas e reclamar o registro da própria cultura como parte da cultura brasileira as lideranças ciganas tiveram que lidar com os descompassos entre os elementos culturais da organização social cigana e a estrutura representacional das políticas estatais (RODRIGUES, 2009¹;2009² 2010¹; 2010²; 2012¹).

Neste artigo dou continuidade às discussões anteriores tratando sobre o modo como uma memória da exclusão foi espacialmente impressa em ruas e praças da cidade de Goiânia, antigas rotas de passagens migratórias de ciganos. Os espaços da cidade e entre cidades representam contraditoriamente para ciganos e não ciganos a memória das passagens dos acampamentos e das pessoas ao mesmo tempo em que acusam a ausência e o esquecimento.

Trata-se de um estudo antropológico sobre memória, espacialidade e políticas públicas que buscou compreender as passagens e o desaparecimento dos ciganos do espaço urbano de Goiânia. No processo da investigação de campo e laboratório buscou-se enfatizar o transcurso e a fixação dos grupos em determinados locais da capital goiana, assim como, as representações construídas pelos não – ciganos da visibilidade da cultura cigana na cidade. O recorte espacial delimitou a “Praça do cigano” e a e a “festa de Trindade” como referências simbólicas das questões que envolvem as relações entre migrantes não – ciganos, ciganos, “pioneiros goianos” e políticas públicas. A metodologia empregada na realização da pesquisa constituiu uma “memografia da espacialidade” focada em um registro visual do espaço delimitado. Os resultados parciais alcançados com a pesquisa confirmaram outros estudos sobre migrantes e ciganos no mundo e afirmaram as especificidades das questões em Goiás. Uma memória da exclusão é a que mais expressa o caso dos ciganos goianos.²

O processo da pesquisa e a emergência das questões norteadoras

A indagação do projeto norteador versava sobre o desaparecimento de cigano(a)s dos espaços urbanos de Goiânia costumeiramente conhecidos pela presença dos indivíduos desses grupos. Apesar de os relatos de pessoas, moradoras desses espaços, mostrarem a presença desses indivíduos no passado, eles não conseguiam responder as razões da ausência deles no presente. Nesse sentido, tornou-se importante conhecer as causas e os destinos dos grupos ciganos que passaram por Goiânia uma vez que trata-se de uma etnia que a partir do início dos anos 2000 adquiriu uma significativa visibilidade nacional através das políticas públicas de reconhecimento cultural implementadas pelo governo brasileiro.

Outra questão que intrigou a equipe de pesquisa foi a verificação da formação de um bairro identificado como “cigano” na cidade de Trindade – Go (situada cerca de 20km da cidade de Goiânia, capital de Goiás). Essa formação sócio – espacial a princípio questionada pelo fato de não se ter conhecimento se era resultado do processo de segregação urbana ou se fazia parte do processo migratório cigano incorporou uma

² Projeto de pesquisa: Memografia da espacialidade: memórias das dinâmicas de deslocamentos sócio-espaciais de grupos culturalmente definidos por suas práticas migratórias.

indagação mais ampla ao se verificar a existência de outros bairros ciganos em outras cidades goianas, brasileiras e europeias. Tal indagação incorpora uma outra paralela relacionada à recorrência dos bairros ciganos em diferentes localidades do mundo. Questiona-se a recorrência dessa formação e suas relações com elementos culturais ciganos.

Por outro lado, o recorte de uma região urbana em Goiânia que carrega a marca da passagem dos ciganos como *lócus* de investigação, fez emergir outras, tais como: sobre a relação da memória com a espacialidade; sobre a nomeação de espaços urbanos e suas relações com a ordem política e social; a respeito das relações entre migrantes e sobre o papel ocupado pelo migrante cigano e não-cigano no contexto local e regional diante de uma política cultural regional de valorização e afirmação do cidadão “pioneiro”. Todas essas questões estão ainda em fase de desenvolvimento mas já é possível afirmar alguns resultados.

Através da pesquisa de campo e em arquivos foi possível levantar perguntas e identificar possíveis respostas de singular importância sociológica e antropológica relacionadas aos processos de nomeações de lugares. Identificamos nomes de praças populares, adotados e reconhecidos contrários aos nomes oficiais impressos em placas da prefeitura. Por outro lado, também identificamos placas da prefeitura com os nomes populares. Tal contradição intrigou a equipe de pesquisa e desdobrou a investigação. Para exemplificar, a praça do cigano – o principal lugar espacialmente delimitado como marca da etnia - é registrada nos documentos oficiais como Praça Benedita da Silva Lobo (uma mulher escolhida pelos políticos locais para ser homenageada nomeando a praça por ser considerada uma “pioneira” da cidade. Antes dessa homenagem a praça já era popularmente conhecida como “praça do cigano”). Esse fato traz uma pergunta a ser respondida na perspectiva antropológica sobre processos de nomeação, identidade cultural, espacialidade e relações de poder. Em Goiânia há uma constante disputa velada entre a iniciativa das políticas e dos políticos em relação à nomeação dos lugares, aos nomes eleitos para nomear tais lugares e à forma arbitrária com que nomes de ruas e praças são alterados em função de motivos adversos da população. As pessoas que moram há mais tempo na cidade costumam manter os nomes populares em detrimento dos nomes outorgados pelas políticas locais.

Fez parte dos objetivos da pesquisa conhecer a representação dos não ciganos - moradores dos locais que trazem a marca dos ciganos - sobre a etnia. Nesse aspecto, chama a atenção o fato de eles serem reconhecidos como “nômades naturais”, de forma “essencializada”. Parte-se do pressuposto de que essa cultura é nômade, criando uma marca cultural equivocada que não considera a dinâmica cultural de todo grupo social, especificamente dos ciganos. Foi interessante conhecer essa representação partindo de pessoas que são migrantes (não étnicos), que vieram para Goiânia nas décadas de 1970 e 1980. Suas respostas informaram as fronteiras culturais, estabeleceram diferenças através dos tipos de processos migratórios.

Tal forma de essencialização foi também verificada nos textos das políticas públicas. A análise realizada em documentos e em arquivos virtuais, mostrou um descompasso entre as expectativas e propostas dos grupos e a forma e o conteúdo das políticas. Ao desconsiderar a diversidade interna aos grupos e suas organizações sociais, foram implementadas políticas públicas fundamentadas em equívocos que atingiam marcas culturais significativas tal como a proposta de realização do censo ou mapeamento dos ciganos do Brasil. Os estudos sobre os ciganos no mundo mostram que há um processo acentuado de fixação em curso mas há também muitas famílias que vivem em movimento entre a fixação e a mobilidade espacial e que, além disso, mesmo entre aqueles que se fixaram, o nomadismo se mantém como um valor cultural.

Esse fato causa muitas confusões entre aqueles que se iniciam no conhecimento dos ciganos ou que organizam as políticas públicas culturais. Em uma publicação anterior mostro que “para os ciganos, a ideia de mapeamento está ligada ao sentido de controle que é uma noção oriunda da concepção geográfica de mapa e que se contrapõe aos valores de liberdade desses grupos”. Para os ciganos, o momento do acampamento tem o sentido de busca pela manutenção da identidade cultural ou do “ser cigano” (RODRIGUES, 2012¹; 2012²).

Na perspectiva da memória, quando os ciganos falam sobre o próprio passado lembram da época em que acampavam em locais de Goiânia e de Goiás, apresentando uma memória espacial de momentos singulares da trajetória de um conjunto de famílias. A passagem pela barraca parece fazer parte da identidade cigana. Esse lugar, que não é apenas de moradia, mas de interação, traz o sentido da mobilidade, da liberdade e do transcurso reclamado por muitos ciganos como também espaços que deve ser reconhecidos como próprios. Por outro lado, os primeiros sujeitos da atual pesquisa em Goiânia recordam dos acampamentos ciganos em lugares que foram transformados em praças públicas. O encontro dessas recordações e os conflitos passados nos espaços é o que irão informar sobre a maioria das questões em análise.

Outros contrapontos: a religiosidade, a peregrinação, o acampamento e a mobilidade.

Por que a aglutinação de famílias em bairros de cidades? O que move grupos em movimento a fixarem-se em determinados lugares? Quando e em quais circunstâncias ocorre a decisão da fixação? Como as políticas atuam nos destinos das famílias alterando os seus trânsitos?

Buscando entender o processo de reunião de famílias que hoje moram em um bairro de Trindade e a relação da fixação e mobilidade com a segregação e a exclusão, a pesquisa se deparou com a questão da religiosidade e novos fatores de exclusão. Trindade é uma cidade que carrega a marca cultural da peregrinação religiosa.³ O trabalho de campo realizado durante a festa do Divino Pai Eterno em 2013 mostrou que as famílias de ciganos continuam alugando lotes na área urbana de Trindade e montando acampamentos movidos pela tradição religiosa e pela prática cultural de acampar. Muitas famílias acampadas moram em bairros identificados como “de ciganos” de cidades do interior de Goiás. Segundo as conversas informais realizadas entre ele(a)s e os pesquisadores da equipe nessa ocasião, verificou-se que há uma opinião de que a cultura deles está desaparecendo e de que os ciganos de hoje não são os mesmos do passado. Na opinião das mulheres ciganas, muitas práticas culturais foram perdidas e são pouco adotadas hoje. Elas enfatizaram, no entanto, que as mulheres continuam casando-se muito cedo e virgens. No momento de campo foi possível observar algumas mulheres muito jovens grávidas no acampamento.

A pesquisa realizada confirmou o estudo anterior a respeito dos ciganos em Goiás e a festa do Divino Pai Eterno em Trindade no sentido de que, em termos relacionais, representa um momento de partilha entre ciganos e não ciganos em sintonia com a religiosidade católica. Por outro lado, ao mesmo tempo que se revelam relacionais, tanto a festa quanto o bairro cigano que coloca lado a lado ciganos e não ciganos constituem espaços simbólicos onde as diferenças e a exclusão são afirmadas e

³ Antes da mudança de foco da pesquisa para a cidade de Goiânia foi feito um primeiro estudo em Trindade no bairro cigano que incorporou trabalho de campo durante a festa do Divino Pai Eterno. Na ocasião observou-se uma relação hipotética entre a mobilidade cigana e a peregrinação religiosa (RODRIGUES, 2009; 2010; 2012)

se traduzem na falas dos ciganos como espaços de discriminação histórica e memorialística do grupo em Goiás. (RODRIGUES, 2010¹; 2010² 2012¹; 2012²).

Trajatória visual das passagens e da exclusão

Com o objetivo de entender melhor o modo como uma memória da exclusão se manifestava em outras dimensões, durante o trabalho de campo no período de 2013 realizou-se o registro fotográfico nos locais urbanos delimitados de Goiânia que se estendeu à festa de Trindade.

Seguindo o rumo da proposta de produzir registros fotográficos dos espaços delimitados da pesquisa, utilizou-se da narrativa visual para compreender melhor as questões colocadas por ciganos e não-ciganos sobre a história dessa relação social, como parte do objetivo de realização de uma memografia da espacialidade. Assim, foi produzida uma série fotográfica dos aspectos espaciais significativos seguindo as pistas informadas por ciganos e não-ciganos e aquelas que a própria cidade de Goiânia apresentava no espaço da pesquisa. As imagens que seguem trazem um pouco da história da urbanização da capital, as questões relacionadas às nomeações, as marcas dos ciganos na cidade e uma certa memória impressa no urbano não reconhecida ou indizível.



Imagem 1. Região urbanizada do setor Coimbra em Goiânia- GO.



Imagem 2. A Praça do Cigano após a divisão da praça em duas partes.



Imagem 3. A Av. Castelo Branco, uma das mais movimentadas, corta a Praça do Cigano.



Imagem 4. Questão de nomeação que desencadeou em conflito social. A praça hoje nomeada de Benedita da S. Lobo é popularmente reconhecida como Praça do Cigano.



Imagem 5. Placas sinalizando a direção da Praça do Cigano.



Imagem 6. O Hiper Moreira influenciou na intensificação da urbanização e na especulação imobiliária do setor Coimbra. Abaixo, a praça Gumercindo Inácio Ferreira em frente ao Hipermercado. O local é utilizado para a montagem da “feira das nuvens”.



ACAMPAMENTOS DE CIGANOS – FESTA DE TRINDADE EM 2013



Imagem 8. Tenda dos ciganos de Aragoiânia acampados na cidade de Trindade.



Imagem 9. Uma das tendas dos ciganos em Trindade.



Imagem 10. Várias tendas do acampamento dos ciganos em lote na área urbana da cidade.

As imagens apresentadas mostram os dois espaços simbólicos recortados pela pesquisa: a praça do cigano e adjacências em Goiânia e um acampamento de ciganos durante a festa de Trindade em julho de 2013. No primeiro conjunto de fotografias observa-se os elementos do contexto espacial: a praça do cigano e sua transformação mais recente com a passagem de uma avenida no centro, dividindo-a em duas partes e desconfigurando por completo sua característica de praça. A divisão também afeta a praça enquanto representação da homenagem à mulher pioneira apaziguando simbolicamente o conflito em torno das diferentes nomeações (a popular e a oficial).

As placas que trazem o nome de Praça do Cigano apenas sinalizam o a direção em que a praça de localiza mas afirmam o nome e a memória popular. As placas situadas na praça indicando o nome da pioneira se mantém, desafiando a nomeação popular mesmo com a descaracterização do espaço. Importante ressaltar que no passado a mudança de nomeação provocou discussões entre os moradores da região que acham que o nome popular deve permanecer. Por outro lado, a família da pioneira manifestou a sua indignação em uma reportagem de jornal em função do uso até o presente do nome popular pelas pessoas de Goiânia. Para alguns moradores da região da praça os nomes das praças devem ser escolhidos pelas próprias pessoas que ali vivem, e não ser mudado pelos políticos.

Ao colocarmos esses espaços simbólicos sob o foco de uma reflexão antropológica que intercruza política, memória e os ciganos buscamos compreender o entrelaçamento das questões em função de um processo social e histórico de exclusão étnica e apagamento memorialístico. A relação das diferentes pessoas com o espaço é significativa porque traz a memória de relações e trajetórias que são desconsideradas na implantação de políticas de urbanização.

Considerações finais

Como considera Damata (1997), “O espaço é como o ar que se respira”. Entender o espaço é uma forma de estudar como os ciganos levam suas vidas, e assim compreender o sentido das peregrinações. Para os ciganos, situar-se nos locais é uma forma de ver e sentir os espaços. Damata (1997) entende que “o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido”. Daí, a importância em se focalizar as relações entre espaços públicos, as políticas e as minorias étnicas. Até o momento o estudo tem permitido acompanhar melhor o processo de migração e exclusão dos grupos ciganos para outras regiões do estado de Goiás.

Um outro aspecto que uma pesquisa sobre espacialidade conduz é para o modo de construção de memória coletiva. Para Halbwachs (2006), “Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial”. E afirma:

“Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retornar o passado se ele não estivesse conversado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça”. (HALBWACHS, pg. 170, 2006).

Referências

- FERRARI, Florencia. 2002. **Um olhar oblíquo – contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano**. São Paulo, Dissertação de mestrado, Depto. Antropologia Social, FFLCH – USP.
- CASTRO, Alexandra Isabel de A. B. L. de. Dos contextos locais a invisibilização política: Discussão em torno dos ciclos de exclusão habitacional dos ciganos em Portugal. Trabalho apresentado na **26ª. RBA**, de 01 a 04 de junho em Porto Seguro-BA.
- CASTRO, Alexandra. **Ciganos e habitat: entre a itinerância e a fixação**. Revista Sociologia – Problemas e práticas, nº 17, 1995, p 97-111.
- CAVALCANTI, Maria Laura. Cultura e ritual: trajetórias e passagens. In: Rocha, Everardo Guimarães (org.) **Cultura e Imaginário. Interpretação de filmes e pesquisa de ideias**. Rio de Janeiro, Mauad, 1998. P. 56 -66.
- CLIFFORD, James. **Culturas Viajantes**. In: O espaço da diferença. Campinas – SP, Papirus, 2000. P. 51 – 80.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª edição. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: 1**. Artes de Fazer. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FENTRESS, James & WICKHAN, Chris. **Memória Social**. Lisboa: Teorema, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Memória individual e memória coletiva. São Paulo – SP, editora Centauro, 2006. P. 29 – 70.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Memória coletiva e o espaço. São Paulo – SP, editora Centauro, 2006. P. 157 - 189.

MENDES, Maria Manuela Ferreira. **Nós, os Ciganos e os Outros: etnicidade e exclusão Social**. Lisboa – Portugal: Fundação para a Ciência e Tecnologia-FCT/Livros Horizontes, 2005.

RODRIGUES, Cintya Maria Costa. **La vida de los lugares e los lugares de la vida: latrayectoria de escritores locales y lainscripción de las histórias sobre los lugares suroestinos goianos**. Subtema: Los espacios de la memória: lacomunidad, lo local, l global y lo cotidiano. Ponência apresentada no XV Congresso Internacional de História Oral “Los diálogos de la história oral com el tiempo presente”. Guadalajara-México, 23 a 26 de set. 2008.

_____. **Memory of exclusion: The participation of Roma leaders in the brasilian politics of cultural recognition**. Paper publicado nos anais da XVI XVI International Oral History Conference “Between Past and Future: Oral History, Memory and Meaning”, 7-11 july, 2010¹, Prague, Czech Republic.

_____. **Memórias em transito: narrativas da mobilidade e práticas de espacialidades entre os ciganos**. Trabalho apresentado na XVII International Oral History Conference - The Challenges of Oral History in the 21st Century: Diversity, Inequality and Identity Construction. Buenos Aires, 4-7 setembro, 2012¹.

_____. A região da aldeia: os pressupostos geográficos e espaciais da literatura goiana e a construção do sudoeste de Goiás. **O público e o privado n° 7** – janeiro/junho, 2006.

_____. **Reconhecimento, alteridade e identidade: os ciganos e a política cultural brasileira**. Trabalho apresentado na VI Reunião de Antropologia do Mercosul “Diversidad y poder em América Latina”, GT 39 – Políticas culturais e identidades. Buenos Aires – Argentina, 29 a 2 de out. 2009¹.

_____. **As políticas públicas e os brasileiros ciganos: questões de reconhecimento e patrimonialização**. Trabalho apresentado no VI Seminário Nacional do Centro de Memória “Memória e Patrimônio”, GT 6 – Processos de patrimonialização e políticas públicas. Campinas-SP, UNICAMP, 14 a 16 de out. 2009².

_____. **Memória, lugares e espacialidade: os ciganos e os não – ciganos em Goiás**. Trabalho apresentado na 27 Reunião Brasileira de Antropologia, GT 39 – Antropologia dos lugares, paisagens e patrimônios. Belém – Brasil, 1 a 4 de agosto, 2010².

_____. **Memórias das dinâmicas sócio-espaciais de grupos culturalmente definidos por suas práticas migratórias**. Trabalho apresentado no 36° Encontro anual da ANPOCS, GT 07 – Dimensões do urbano: tempos e escalas em composição. Águas de Lindóia – SP, 21 a 25 de outubro de 2012².

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis-RJ: Vozes/CID, 1996.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. 1999. **História dos ciganos no Brasil**. Recife-PE: Núcleo de Estudos Ciganos, 2000.